



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017

GT: 7 - DESENVOLVIMENTO E CIDADANIA

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO - HISTÓRIA DE MULHERES LAPENAS NO SÉCULO XIX E XX: A CASA LACERDA PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA LAPA-PR

Simone Aparecida Pinheiro de Almeida (UEPG) simoal29@yahoo.com.br
Neidiane Pereira (UNECESUMAR); neidiane206@gmail.com

TEMÁTICA: GÊNERO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

RESUMO: O presente estudo busca evidenciar a história de mulheres que moraram na Casa Lacerda Patrimônio histórico da cidade da Lapa no Paraná por quatro gerações. Três mulheres que vivenciaram momentos conturbados frente ao conflito que se desencadeou na cidade, resultado Revolução Federalista ocorrido em 1894. Leocádia Cassiana Rezende Correa de Lacerda, Madalena Moogen de Lacerda e Cecília Brito de Lacerda, mulheres que marcaram a história de uma cidade marcada por emoções, conflitos e relações de poder. A casa hoje é um espaço de museu, que guarda os pertences materiais e imateriais das mulheres que ali viveram. As cartas, diários, jornais de época e livros estão disponíveis na Casa Lacerda. A pesquisa historiográfica adotou o método histórico tendo como fonte principal a obra de Francisco Brito de Lacerda.

Palavras chave: História de mulheres; Casa Lacerda; Relações de poder; Público e Privado.

1. INTRODUÇÃO

A Lapa, hoje conhecida como cidade Histórica, originou-se de um pequeno povoado fundado às margens da antiga Estrada da Mata (ligava Rio Grande do Sul a São Paulo, desempenhando importante papel no progresso do interior paranaense), que era apenas uma parte do histórico Caminho de Sorocaba, por onde circulavam tropas vindas do Rio Grande do Sul com destino à feira de Sorocaba.

A primeira denominação era Pouso de Capão Alto (1731). Em 13 de junho de 1797, o Pouso foi elevado à categoria de Freguesia, quando o Capitão Francisco Teixeira Coelho (português) assumiu a função de comandante. Em seis de junho de 1806, foi elevada a Vila, recebendo o nome de Vila Nova do Príncipe. Em 1870, passou a ser sede de Comarca, assumindo a função de Juiz Antônio Cândido Ferreira de Abreu. Por fim, em sete de março de 1872 foi elevada à categoria de município e cidade, com território desmembrado de Curitiba e passando a chamar-se Lapa.

Segundo Valle (1999):

A criação de gado havia sido a principal e quase única atividade até a abertura da estrada Viamão- Sorocaba, após o que, teve início o aparecimento de novos moradores, os quais proporcionavam assistência



**II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017**

aos tropeiros e às suas tropas, fornecendo alguns produtos de que necessitavam. (VALE, 1999, p. 3).

O objeto da Pesquisa diz respeito a história de três mulheres que viveram na Casa Coronel Joaquim Lacerda. Para tanto elaboramos o objetivo de Pesquisa como enfoque no levantamento de documentos primários que retratassem a história das mulheres que residiram na Casa Lacerda no século XIX e XX. A metodologia utilizada foi de Pesquisa histórica com análise da obra de Francisco Brito de Lacerda que utilizando fontes primárias de suas antepassadas narra como teria sido o cotidiano de três mulheres que fizeram história na cidade da Lapa. Eram elas: Leocádia Cassiana Rezende Correa de Lacerda, Madalena Moogen de Lacerda e Cecília Brito de Lacerda.

Uma história de mulheres marcada por relações de poder diante de uma sociedade patriarcalista.

Rosaldo (1972), descreve o papel da mulher descrito por uma Sociologia tradicional na década de 1970, porém hoje às as discussões teóricas avançaram, e o termo gênero aparece nas literaturas para dar conta de analisar todo o universo que compõe a identidade sexual.

Somos herdeiros de uma tradição sociológica que trata a mulher como essencialmente desinteressante e irrelevante, aceitando como necessário, natural e profundamente problemático o fato de que, em toda a cultura humana, a mulher de alguma forma é subordinada ao homem.”. (ROSALDO, 1972, p. 33).

As discussões historiográficas, antropológicas e sociológicas têm realizado novas discussões trazendo para o cenário mulheres que lutam que se destacam e que estão aos poucos rompendo com uma visão de sociedade machista.

A casa Lacerda é um museu federal construído entre os anos de 1842 e 1845 pela família Lacerda. O imóvel foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico (IPHAN) em 1938.

A casa museu Lacerda guarda em seu interior, retratos, móveis, documentos, a representação de um cotidiano social vivido por gerações de uma mesma família que se destacou na sociedade lapiana, uma família marcada por sua vida privada e pública ao mesmo tempo.

2. MULHERES DA CASA LACERDA

A Casa Lacerda, Museu federal, que hoje procura retratar os costumes e usos de uma família de classe média, abrigou por mais de cem anos quatro gerações, que ali viveram de 1845 a 1981.

Sendo o imóvel um dos primeiros tombamentos do Paraná (1938). Em 1981 quando falece Cecília Brito de Lacerda, esta doa sua metade do imóvel e seus pertences a Fundação Nacional Pró-Memória, seguida por seus herdeiros que também doam sua parte, cumprindo assim a vontade de Cecília de preservar o casarão, a história e memória cultural da Lapa e do Paraná.

Segundo Lacerda (1986):

A transformação da Casa Lacerda em museu de época tem várias justificativas. A condição de exemplar da arquitetura civil do século XIX, por



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas 22 a 24 de novembro de 2017

si só, constituiria sério motivo para a sua preservação. Também o fato de ali ter sido assinada a capitulação da praça, em onze de fevereiro de 1894, após heroica resistência, que muito contribuiu para a consolidação do nascente regime republicano, enseja que se preste, com o museu, reverência a memória dos que enfrentaram aquele drama estupendo, revelando bravura e fidelidade a uma causa. (LACERDA, 1986, p. 9).

Muito além, do que parece demonstrar a casa museu com seus retratos, móveis, e uma história de quatro gerações de uma mesma família, está que se destacou na sociedade em que estava inserida, seja pelo comércio de secos e molhados, pelo tropeirismo, na defesa da Lapa durante o Cerco, na produção e exportação da erva mate e na política, o fato é que por trás destes homens que se destacaram, havia as mulheres.

Segundo Lacerda (1986):

Sob a inspiração de mulheres notáveis. A mulher que é dona da casa. A mulher que canta “Nossa Senhora lavava” para o filho dormir. A mulher que morre em silêncio. Essas mulheres precisam ser homenageadas. Nem que não queiram. Por causa delas, o vento do alto da lapa penetra outra vez pelas janelas, como se os bolinhos de polvilho voltassem a sair do forno, como se uma lamparina iluminasse, para sempre, a imagem de Nossa senhora do Rosário, tão bonitinha no seu manto azul. (LACERDA, 1986, p. 9).

A história dessas mulheres saiu da esfera privada do doméstico e caminhou para um espaço público a partir do momento em que suas cartas, diários e imagens formaram socializadas. A historiografia é um importante auxílio na percepção da mulher politicamente atuante, aquela que é capaz de promover mudanças, romper com tradições ideologicamente construídos de uma sociedade patriarcal típica do século XIX.

2.1. As Três Mulheres

Leocádia Cassiana Rezende Correa de Lacerda, a primeira dona da casa, nascida em Paranaguá (12/08/1829), era filha do major Joaquim Pereira Rezende e de Rita Joaquina Guimarães, pelo lado paterno Leocádia descendia dos fundadores da Lapa, João Pereira Braga e Josefa Gonçalves da Silva, pelo lado materno tinha laços com Paranaguá. Sua mãe Rita tinha parentesco com o Visconde de Nacar, sendo sua meia irmã por parte de pai. (LACERDA, 1986).

Seus pais viveram por um período em Paranaguá, cerca de seis anos depois retornam a Lapa, assim ficando por mais de trinta anos. Leocádia aos doze anos pede permissão para estudar em Paranaguá. Adquiriu conhecimentos de Francês, canto, música e dança também desenho, prendas domésticas, trabalhos manuais como bordados e crochê.

Segundo Lacerda (1986, p.10):

Era uma bonita mocinha, a caminho dos quatorze anos, quando conheceu o português Manoel José Correa de Lacerda, oriundo do Porto, 26 anos, ativo comerciante. O que motivou a vinda de Manoel José para o Brasil, além da atração pelo novo mundo, teria sido a correspondência mantida com um atacadista português, estabelecido no Rio de Janeiro, que lhe demonstrou a



**II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017**

excelente perspectiva de viver no Brasil. Meses antes, com a sagração de Dom Pedro II, começara o segundo reinado, livre de sucessivas regências.

Manoel, José tinha a intenção de montar comércio com artigos procedentes do Reino, por este motivo ele chega a Paranaguá. Apresenta-se ao comendador Joaquim Américo Rezende Guimarães, com quem passa ter um bom relacionamento. Manoel José almoçava todos os domingos na casa de Joaquim, conhecendo então Leocádia Cassiana, ativa, inteligente e bonita.

Manoel, já tinha escolhido a Lapa, como morada, pois em 1842 tinha mandado iniciar a construção de uma casa, em alvenaria de pedra e paredes internas de estuque, uma das maiores da cidade. Faltava somente uma companheira com quem dividir sua vida.

Casaram-se em setembro de 1843 em Paranaguá, a mãe devota de São Benedito, pediu ao santo que concedesse sorte a filha. O casamento coincidiu pelos menos no mesmo mês em que o Imperador Dom Pedro II se casa com Dona Teresa Cristina.

Já morando na Lapa, Leocádia passa então a cumprir seu papel de esposa, companheira, mãe, dona de casa. Foram nascendo os filhos, Leocádia dirigia as mucamas, pajeava as crianças, ia nas missas aos domingos, comandava a casa.

Viajaram somente uma vez, com o filho mais velho, Joaquim. Foram à Curitiba para assistir um baile em homenagem ao Conselheiro Zacarias, primeiro presidente da Província do Paraná, recém-emancipada (1853). Em 1861, mãe de seis filhos, Leocádia testemunhou a partida do filho mais velho para a corte, para aperfeiçoar seus estudos para depois suceder o pai nos negócios da família, que atravessavam uma época próspera.

Grávida de oito meses, do 11º filho, Leocádia completara quarenta anos, pesada não podendo atender as crianças, na hora do parto, teve uma hemorragia.

Assim como relata Lacerda (1986, p. 14) “Cercada pelo marido, de joelhos a para da cama, e pelos filhos, que choravam, com pensamento no filho mais velho, ainda ausente, Leocádia morreu ao entardecer.”

Manoel, depois de passado o luto, resolveu que precisava se casar novamente, com a morte de Leocádia, deixando órfãos seus filhos ainda pequenos, precisava de uma nova companheira que organizasse a casa grande e o ajudasse com os filhos.

As candidatas locais, por vários motivos não o agradaram. Optou por uma sobrinha de Leocádia, Tereza Eulália a qual o aceitou, mas mesmo querendo não conseguiu substituir a tia. Muito jovem, 16 anos, não teve condição de comandar a casa. Tiveram três filhos.

Com o retorno do filho mais velho Joaquim, depois de nove anos de ausência, com barba cerrada preta, que deixara crescer em homenagem a mãe falecida.

Inicialmente se dedicando a o tropeirismo, viajando ao Rio Grande do Sul, para comprar muares, engordando nos campos da Lapa e revendendo em Sorocaba. Em uma dessas viagens que Joaquim conheceria aquela que seria a sua futura esposa.

Joaquim se casou com Madalena de 17 anos, ela era filha de João Jorge Moogen e de Leduína Garcez Moogen, ele proveniente de Londres, ela paranaense



de Castro, casados em 1937. Depois de 12 anos morando em Castro, onde nasceram os primeiros filhos, João muda-se para Passo fundo, Rio Grande do Sul.

Ainda em Passo Fundo, em 25 de maio de 1857, nascia Madalena, a filha caçula do casal, mas se criando em Lagoa Vermelha, onde João passou residir com a família a partir de 1862.

Madalena sonhara com um cavaleiro, de olhar firme e barba preta, montado em um cavalo baio, andava em sua direção. No outro dia, enquanto brincava encima das toras à beira do caminho, avistou o moço que conduzia a tropa, era se não aquele do sonho, o tal de barba preta. (LACERDA, 1986).

No mês de abril de 1874, o tropeiro Joaquim, conhecia Ovídio Moogen, irmão mais velho de Madalena, foi convidado para visitar a casa da família Moogen, sendo oferecido um jantar. Madalena ao olhar pelo buraco da fechadura descobriu que o convidado era o tal tropeiro que havia visto pela manhã.

O jantar seguiu e Moogen ordenou a filha que tocasse piano para animar e entreter o convidado. Tocando duas falsas de ouvido, era acompanhada atentamente pelo convidado, que percebeu notas perdidas, pelo nervosismo da executante.

Antes de se retirar, Madalena o olha e diz “Agora é sua vez, com licença”. Ele respondeu: “Se é minha vez espere um pouco, quero pelo menos que me ouça.” Ninguém naquela sala entendeu e podia imaginar que Joaquim falava sério, não sabiam que o guapo cavaleiro tinha curso de piano, concluído na corte.

No dia anterior despediu-se, na madrugada seguinte Joaquim retornaria ao Paraná, mas não foi longe. A caminho de Santa Catarina, dois dias depois de ter partido, encarregou um peão de entregar um bilhete a Madalena. O qual dizia “Estou entre dois fogos, saudades do Paraná, onde estão os meus olhos no Sul, onde está meu coração. Que devo fazer?”

Madalena colhia flores, quando recebeu o bilhete, leu com emoção e correu até a escrivaninha, o mais que depressa escreveu a resposta: “Volte” e assinou abaixo.

Entre o reencontro e o casamento não chegou a passar um mês, ajudada pela família, Madalena juntou enxoval, Joaquim enviou carta ao pai e irmãos, anunciando o casamento e data provável de seu retorno.

A viagem seguiu por 25 dias, pernoitavam a beira da estrada da mata, em lugares semiabertos, protegendo-se dos bugres. Quando chegaram a Lapa, era anoitecer do dia 12 de junho, véspera de Santo Antônio, padroeiro da cidade, os sinos tocavam saudando a sucessora de Leocádia Cassiana.

Manoel festejou a chegada da nora, que trazia consigo força dentro de si, logo Madalena se impôs às cunhadas, no comando da casa.

No fim do ano de 1875, Madalena se preparava para visitar os pais, logo que se pôs a comitiva em trânsito, chega a notícia do falecimento de seu sogro. Manoel faleceu no ano novo, deixando Tereza Eulália viúva, com três crianças, jovem ainda, ela precisava de um marido, o que tão logo se arranhou, Ovídio irmão de Madalena, solteirão se habilitou e levou as crianças e Tereza para o Rio Grande, onde durante vinte e poucos anos de vida juntos, tiveram onze filhos.



Os irmãos e irmãs de Joaquim foram casando, Madalena comandando a casa, era exímia doceira e cozinheira, vocação marcante para cuidar de flores, agradar as crianças e tocar músicas ao piano.

Foi mãe de um único filho, José Lacerda, pedido feito a Nossa Senhora do Rosário e atendido. A vida seguia para Madalena, que continuava apaixonada pelo marido, este que não tinha temperamento para se comportar como um santo, mas oferecia a ternura e respeito que podia lhe conceder.

Dezembro de 1893, A Revolução Federalista bate à porta da Lapa, Felipe Maria Wolff, médico alemão que serviu nas enfermarias da Lapa, durante o cerco, refere-se em seu diário a Madalena como mulher valente, tal como seu marido.

Em cartas, escritas a irmã Eulália, Madalena se queixa, que sofria tanto e que se fosse escrever não haveria papel que chegasse. Logo após a assinatura da carta de capitulação em sua casa, após ameaça o coronel Joaquim se retira da Lapa com Madalena e seu filho José, nos oito meses longe da Lapa, quando voltam encontram a casa toda pintada e saqueada.

A guerra passou no ano seguinte (1895) o Coronel Joaquim, se candidata a vaga de senador, perdendo para Vicente Machado. Em 1897 Joaquim se elege senador pelo Paraná, que para assumir se transfere para o Rio de Janeiro, Madalena ficou na Lapa, aflita e saudosa. As cartas trocadas revelam uma Madalena, preocupada e apreensiva:

Tem muito medo dessa tua presença junto ao Prudente. É um perigo. Venha quanto antes. Sonhei que você tinha chegado, mas não me agradava, eu tão desapontada. O quarto me parece um vácuo, um oco. Ah! meu Deus, com há de ser triste a viuvez, um ou outro ficar nesta desolação. (LACERDA, 1986, p .21).

Terminado o mandato de senador, Joaquim retorna para a Lapa abandonando a vida política, doente e necessitado de cuidado e repouso.

José Lacerda, filho único de Madalena, bonito, prudente e ajuizado, prosperava no comércio de erva mate e cereais. Madalena tinha esperança que logo se casasse e já se preparava para o papel de avó. (LACERDA, 1986).

Suas esperanças se tornam realidade, quando chega a Lapa, em outubro de 1902, uma menina chamada Cecília. Curitibana, moradora da Rua Riachuelo, seu pai comerciante de loja de armarinhos.

Cecília em visita a seu tio Tônico, acompanhada de sua mãe Rosa descem na estação de trem da Lapa, procuravam transporte e José lhe cedeu lugar na carruagem. Em ligeira troca de olhares durante o percurso, os dois se entenderam, ao final José perguntou se podia aparecer para uma visita, no que Cecília hesitou, mas sua mão prontamente assentiu.

Começava neste instante a história de José e Cecília, que ao longo de 37 anos de vida comum, tiveram 15 filhos, falecendo três ainda na infância, devido às doenças da época.

Conforme nos menciona Lacerda (1986, p. 26), "Quando deu o primeiro banho no último neto, cujo cordão umbilical abrigou na famosa caixa, Madalena pressentia que sua missão no mundo chegava ao fim". Madalena faleceu em dezembro de 1931.



Cecilia guardava dentro si muita energia, a convivência com a sogra tantos anos, lhe ensinara segurança necessária para comandar a casa, esta que continuou alegre e movimentada. Ainda a fase com as canções de ninar se prolongaram por algum tempo, depois veio o casamento dos filhos, a chegada dos netos, a viuvez e por fim o descanso eterno.

Hoje a casa-grande é repleta de histórias e lembranças desta família, que se perpetua nas memórias escritas deixadas por seus filhos e netos. Sendo possível imaginar a vida destas mulheres que viveram a mais de 100 atrás, suas lutas, felicidades, tristezas, seu lugar na sociedade da época, marcada pela liderança do homem, o papel reservado a elas que se resumia a esposa, dona de casa, mãe, cozinheira, a vida social era para reservada somente para os homens, os provedores da família.

Leocádia, Madalena e Cecília, continuam vivas nos retratos da casa, nas memórias, nos objetos deixados e nas histórias tantas vezes repetidas a todos os visitantes que sentem impelidos a entrar no velho casarão.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia sobre a história de mulheres começou a ganhar evidência na década de 70 no Brasil. A sociologia, antropologia e história avançaram nas discussões abrindo espaço para outras ciências. Escrever sobre mulheres não significa traçar um perfil único que as identifique e as diferencie em todo o país.

A história de mulheres que viveram no século XIX e XX está repleta de imagens de mulheres que tinham uma preocupação muito viva com a definição dos papéis femininos em uma sociedade patriarcal. O cotidiano, a vida íntima e privada, bem como às relações sociais e de poder foram marcas indeléveis que estão presentes nos diários, cartas e objetos antigos expostos na Casa Museu Lacerda.

Como afirma Mary Del Priori. “A história de mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura e das suas imagens frente à sociedade”. (DEL PRIORI, 1997, p. capa).

As três mulheres que marcaram a história social da Lapa estão presentes na memória dos moradores mais antigos da cidade, a história da vida privada de Leocádia, Madalena e Cecília deixou de ser privada e agora estão na esfera do público.

REFERÊNCIAS

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
LACERDA, Francisco Brito de. **Três Mulheres**. Curitiba: SECE, 1986.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: ROSALDO; LAMPHERE. **A mulher a cultura a sociedade**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1979. p. 33-64.

VALLE, Marília de Souza. **A Lapa histórica, preservada e mística: origens e formação**. Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura, 1999.